

Fiódor Dostoiévski – Um Jogador

O romance em questão é encontrado na maior parte das traduções para o português como “O jogador”, entretanto na tradução da Editora 34 (Boris Schnaiderman) o tradutor lembrou que no russo não há o artigo definido, sendo o termo “jogador” traduzido para o português com o artigo indefinido precedendo-o uma vez que a história não tem por objetivo narrar a vida, ou vivências, de “o jogador”, mas sim de “um jogador” que repete um padrão experimentado por todos os jogadores. Não é possível discordar dessa abordagem após ler o romance que trata de diversos jogadores, todos com o mesmo comportamento: *babúlinka*, a avó desbocada; Polina, que coloca seu dinheiro nas mãos de um jogador; Aleksíei Ivanovitch, o personagem narrador da trama; e os anônimos observados ao longo da vida de jogatina do autor. A conclusão da obra é que o jogo domina os homens e o levam a se comportar como a banca deseja, sendo os jogadores apenas participantes de um roteiro já escrito desde antes de o primeiro dado rolar sobre o feltro.

Essa obra foi produzida por Dostoiévski em um esquema que se repetiu por diversas vezes ao longo de sua carreira, a escrita por encomenda. Nenhuma novidade no mundo da arte, que ao contrário do que as pessoas imaginam, não é produzida por pessoas isoladas em uma casa de campo escrevendo (ou pintando, esculpindo...) apenas por prazer e transbordo d'alma. Não apenas os pintores renascentistas como também escritores modernos escreviam por encomenda, afinal não se comprava arte no mercado, antes era produzida e oferecida como serviço cultural a uma nação. A arte era produzida para elevar a alma e engrandecer a humanidade, sendo vendida para decoração de paredes, estantes e até mesmo ornamento corporal há pouquíssimo tempo de nossa história.

Um jogador foi pago antes de ser escrito, Dostoiévski recebeu seu pagamento adiantado com a missão de devolver tal romance com tal quantidade de páginas até o dia tal. Tendo já o projeto em mente com um esqueleto bem definido, o escritor concluiu a missão em um prazo de menos de um mês, período em que contou com os serviços de uma taquígrafa contratada para lhe auxiliar, e que findou por se tornar sua esposa. Nessa obra que marca o início do autor em sua etapa de grandes romances, temos muito da própria história do escritor – sendo esse feito claramente também uma estratégia para facilitar a produção de texto e preencher o contrato em questão. Ludomaníaco, Fiódor Dostoiévski perdeu e ganhou muito dinheiro na roleta ao longo de sua carreira, mas invariavelmente perdeu mais que ganhou, afinal banca não é casa da moeda. Temos nessa verdade o gancho que torna essa obra ímpar na carreira do autor, uma vez que traz ao fim um ensino muito prático, com muito de “ajuda ao leitor”, vê-se no diálogo final entre o russo e o inglês um pedido de socorro ao povo russo, para que deixassem o *homem supérfluo* para trás e seguissem na tarefa de se utilizar da forte percepção de mundo russa com o fim de salvar a pátria¹. Ao longo de toda a história temos diversas passagens que analisam a cultura e os costumes dos povos, na mesma linha que já vimos em *Noites Brancas* e *Memórias do subsolo*. Aqui temos o enfoque do autor na França, Inglaterra e Rússia (Alemanha bem retrata em obras anteriores como *Memórias do subsolo* e *A senhoria*).

Essa abordagem cultural do livro é curiosa se pensarmos que foi escrita no pré-guerra, mais precisamente no ano de 1866, época em que a diplomacia e o crescimento econômico andavam de mãos dadas em toda a Europa e Ásia, enquanto os olhos de todos observavam ao longe a América. Foi essa formatação que precedeu a Guerra das Nações e os três países aqui presentes tiveram papel principal no evento. Não seriam as notações de Dostoiévski úteis para

¹ Quando a avó torra todo seu patrimônio na roleta, é justamente assim que o general lhe dá na face: “Está cobrindo de vergonha o nome da Rússia, senhora! E para isso existe polícia!”. Pag. 153.

a compreensão do caráter destes povos e suas possíveis reações ao longo daqueles longos quatro anos?

“Atualmente, o francesinho mais vulgar pode ter maneiras, gestos, expressões e até ideias de uma forma supremamente elegante, sem todavia ter tomado parte na criação dessa forma, quer com a sua iniciativa, quer com a alma, quer com o coração; tudo isso ele recebeu de herança”, e ainda “os ingleses, na maioria, são angulosos e deselegantes” e “os russos sabem distinguir o belo com bastante agudeza, e tem por ele um fraco”. Os franceses viviam uma época em que os jovens não se preocupavam com a construção da pátria, apenas viviam gastando tudo aquilo que herdaram (não apenas finanças, mas até a alma francesa); os ingleses se portavam com frieza diante do mundo, sendo duros e focados no desenvolvimento; enquanto os russos habitavam um império imenso, miserável e com grande capacidade de admirar o que é belo, sem saber ao certo como participar dele. A grande guerra terminou com a França em frangalhos, a Inglaterra como uma grande potência e a Rússia incendiada internamente por jovens revolucionários que queriam transformar a Mãe Rússia naquela que jorra leite e mel, mas com excesso de ideais e carência de conhecimento, aniquilaram o próprio futuro na roleta de uma revolução.

Com relação ao povo alemão, há uma única abordagem em toda a história. Nela, o autor retrata o modo engessado e obstinado dos alemães em construir uma pátria forte, partindo do objetivo primeiro de construir um lar economicamente duradouro e nisto colocarem todas as energias do trabalho familiar². Esse relato encontra-se na página 39. Na linha que abordamos fazendo um paralelo entre as características dos povos e o desenrolar da Grande Guerra, os alemães entraram na guerra crendo serem superiores e tendo conquistado uma força tal que lhes seria suficiente para a dominação do mundo europeu.

Na página 47 há um trecho significativo quanto as relações humanas:

--- *Está claro que há um objetivo – disse eu –, mas não saberia explicar em que consiste. Nada mais a não ser que, possuindo dinheiro, vou tornar-me para você também uma outra pessoa e não um escravo.*

Em toda a obra do autor vemos essas personagens que imputam à falta de riqueza o empecilho à ascensão nas relações humanas. O brasileiro tem muito de semelhante ao russo nesse aspecto, no Brasil não apenas dinheiro é argumento como também é agente purificador. Os garotos têm a ideia de que não conseguem atenção das meninas por não terem dinheiro, os homens acreditam que por não terem dinheiro não são tão espertos quanto os que conseguiram “subir na vida”. É a medição da realização humana por meio das finanças, loucura muito bem assimilada por aproveitadores que levaram para dentro da igreja a Teologia da Prosperidade, elevando a credence financeira ao nível teológico. O que acontece, porém ao personagem *dostoiévskiano* é muito diferente, basta ele entrar no cassino e “lavar a burra”, instantaneamente esquece de seu amor por Polina: “fato curioso, a partir do momento em que, na véspera, me encostara à mesa de jogo e começara a arrebANHAR os maços de notas, o meu amor passara como que para um segundo plano”. O dinheiro tem efeito devastador na vida de um povo miserável.

Na cena final do livro, Mister Astley encontra-se com Aleksíei, que pondera: “parece que esperava encontrar-me triste e abatido”. O inglês confessa “as pessoas gostam de ver humilhado, diante de si, o seu melhor amigo; é na humilhação que se baseia, mais comumente,

² Temos alguns episódios assim espalhados ao longo de outras obras, como a Confeitaria Muller em *Humilhados e Ofendidos*.



a amizade". E aqui encerra-se esse curto romance, que navega entre um conto prolongado com toques de autobiografia mas com momentos relevantes de análise de seu tempo, onde o autor viaja pela Europa revelando a nós a ética e moral de seu tempo, que tanto tem a nos dizer, nós, brasileiros vivendo no século XXI.

Fernando Melo
Brasília, 15 de maio de 2021